Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais
e-ISSN 2238-6912 | v.12, n.24, Jul./Dez. 2023 | p. 13-35

SUL GLOBAL VERSUS SUL GEOPOLÍTICO: UM DEBATE QUANTO À PERTINÊNCIA ANALÍTICA DOS CONCEITOS

Hugo Bras Martins da Costa[1]
Rubens de Siqueira Duarte[2]

Introdução

No dia 13 de abril de 2023, Dilma Rousseff, ex-presidente do Brasil, tomou posse ao cargo de presidente do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), também conhecido como Banco dos BRICS. Durante a cerimônia de posse, ao falar sobre os benefícios do banco para os países em desenvolvimento, a mandatária fez referência a dois conceitos que ganharam enorme tração entre especialistas e tomadores de decisão das relações internacionais no pós-Guerra Fria: Sul e Sul Global. Mais precisamente, a atual presidente do NDB afirmou que a fundação da instituição:

> Além de um acontecimento histórico, foi uma demonstração da im-portân-cia de estabelecer uma estratégia e uma parceria, compartilhando as neces-sidades dos países do Sul, do Sul Global. Ou seja, do Sul, que é esse Sul que quer emergir e que conta também com países do norte, e com o multilater-alismo (ROUSSEFF, 2023 apud PODER 360, 2023).

Apesar do destaque de parte da imprensa e de perfis em redes sociais a esse discurso, alegando que houve uma espécie de gafe geográfica, a fala revela o uso consciente de um termo com forte sentido conotativo por parte de Dilma Rousseff que, por sua vez, remete a um rico debate entre analistas das relações internacionais contemporâneas.

1 Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: hugobrasmartinsdacosta@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7433-5864

2 Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares do Instituto Meira Mattos, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: rubens@rubens-duarte.education. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9709-9865

13

das relações internacionais contemporânea.

Mais do que apenas uma variação estilística da palavra Sul, o uso do adjetivo "Global" busca qualificar o substantivo Sul e fazer referência a uma parcela específica desse grupo mais amplo. Politicamente, o uso desse conceito pelos tomadores de decisão costuma refletir posições e preferências de países ou grupos de Estados, expressas em suas relações bilaterais e em organizações multilaterais, que contam não apenas com respaldo de acadêmicos, mas também com críticas ao seu uso e sugestões de alternativas.

Entre as alternativas apresentadas, este artigo se debruça sobre o conceito de Sul Geopolítico, elaborado a partir de discussões e de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Laboratório de Análise Política Mundial (LABMUNDO), um grupo de pesquisa vinculado ao Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), sobre as insuficiências e as lacunas deixadas pelo conceito do Sul Global. Mais especificamente, este trabalho tem por objetivo debater as limitações e possibilidades analíticas ofertadas pelos conceitos Sul Global, frente ao conceito de Sul Geopolítico, para uma compreensão mais apurada das dinâmicas geopolíticas das relações internacionais nas primeiras décadas do século XXI.

Em termos estruturais, o artigo é dividido em quatro partes, além desta introdução e de uma conclusão. Na primeira seção, apresenta-se a origem do conceito de Sul Global, bem como as suas definições pela literatura. A segunda seção é destinada à análise das principais limitações analíticas do conceito do Sul Global. Na terceira seção, apresenta-se o conceito de Sul Geopolítico e destaca-se as suas vantagens analíticas perante o conceito do Sul Global. Na última seção, por sua vez, tem como objetivo observar as principais lacunas do conceito do Sul Geopolítico, bem como oferecer sugestões para o seu aprimoramento.

A construção do conceito de Sul Global

Precisar inequivocamente a origem da expressão Sul Global é uma tarefa inglória. Não há uma obra clássica que marque o seu surgimento, como é o caso, por exemplo, do conceito de *soft power*, cunhado por Joseph Nye. Também não há no meio acadêmico das Relações Internacionais uma definição que tenha se tornado ao longo do tempo predominante, como ocorreu com o conceito de regimes internacionais e de circulação de normas. Todavia, é possível fazer um exercício de buscar suas primeiras aparições mais célebres. A expressão Sul Global tem seu mito fundador no artigo *Vietnamism*

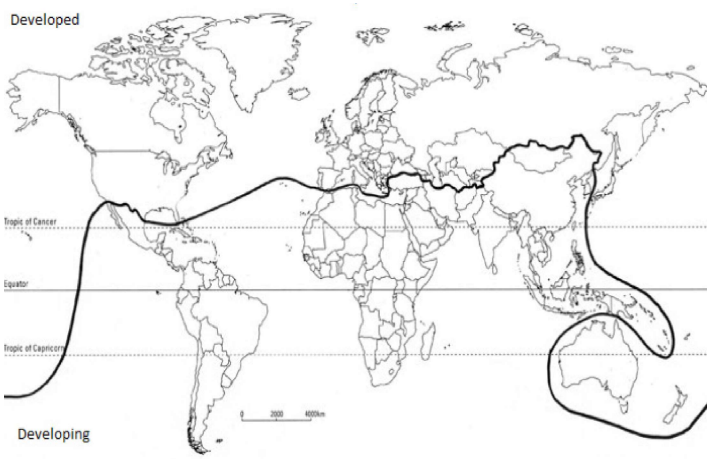
has failed ... The revolution can only be mauled, not defeated, do escritor e ativista estadunidense Carl Oglesby, publicado em 1969, no periódico de inclinação liberal e católica *Commonweal*, em uma edição especial sobre a Guerra do Vietnã. Todavia, cabe ressaltar que Heike Pagel, Karen Ranke, Fabian Hempel, e Jonas Köhler demonstraram em seu artigo *The Use of the Concept Global South in Social Science & Humanities* de 2014, que o uso da expressão Sul Global se tornou senso comum na literatura e experimentou um crescimento significativo em publicações acadêmicas de língua inglesa apenas a partir de 2004 (Pagel; Ranke e Hempel 2014).

Com efeito, este artigo argumenta que o Sul Global é uma derivação do conceito de Sul. Este, por sua vez, ganhou destaque na literatura a partir do final da década de 1980, a partir de reformulações de dois outros conceitos que tinham maior destaque nas décadas anteriores: Terceiro Mundo e Países em desenvolvimento. O Terceiro Mundo (Tiers Monde, em francês) visava ressaltar que, em um momento que o mundo estava dividido por questões de segurança internacional pela disputa ideológica entre o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e pelo socialista, liderado pela União Soviética, existiam países que tinham como principal preocupação questões ligadas ao desenvolvimento. Ou seja, além dos "dois mundos" da disputa ideológica Leste-Oeste, haveria um "terceiro mundo", que tinha outras prioridades dada a conjuntura social e econômica que enfrentavam. O conceito Terceiro Mundo, cunhado por Alfred Sauvy em seu artigo de 1952 *Trois mondes, une planète* (Sauvy 1952), perde seu destaque em função do seu anacronismo para analisar as relações internacionais do período pós-Guerra Fria, embora ainda seja utilizado com teor depreciativo e segregacionista (Albaret e Devin 2016; Dufour, 2007). O termo de países em desenvolvimento, por sua vez, precedeu outas conceitos, que geralmente tinham origens mais ligadas a critérios econômicos e a uma leitura liberal de desenvolvimento. Países em desenvolvimento, desse modo, passou a representar uma reformulação de outras expressões, como países subdesenvolvidos, países menos avançados, países não-industrializados. Em comum, essas expressões carregam inequívoco caráter evolucionista das teses desenvolvimentistas dos anos 1970 e da teoria da modernização. Embora ainda sejam muito comuns em artigos de jornais, trabalhos acadêmicos e até mesmo em relatórios de organizações internacionais, o uso dessas conceitos diminuiu frente à percepção de que carregavam consigo - e, portanto, difundiam - um conteúdo de conotação hierárquica, etnocêntrica e ocidental, que levava ao uso frequente das aspas, e da sua limitação a dimensão econômica do desenvolvimento, sem fazer alusões a dimensões outras, como a social, humana e ambiental (Albaret e Devin 2016; Dufour, 2007).

Com isso, em comparação com os conceitos disponíveis nas Relações Internacionais, o Sul se apresentava, pelo menos naquele momento, como uma opção menos comprometida (politicamente e eticamente), mas que servia ao propósito de indicar o deslocamento da clivagem das relações internacionais pautada no eixo Leste-Oeste com o fim da Guerra Fria para o eixo Norte-Sul, sem se limitar à critérios econométricos (Albaret e Devin 2016). Consequentemente, o Sul despontou como termo preferencial da literatura a partir dos anos 1980, especialmente para os que buscavam afirmar que as disputas geopolíticas continuavam a ser um elemento importante das relações interestatais após o fim da Guerra Fria.

Mais precisamente, a difusão do conceito de Sul e da noção de uma divisão Norte-Sul na literatura para se referir a estratificação dos Estados no sistema internacional teve como marco a publicação do relatório da *Independent Commission on International Development Issues*, conhecido como Relatório Brandt, pelo Banco Mundial em 1980, cujo objetivo era apresentar recomendações sobre meios de romper o impasse político existente nas negociações multilaterais para a agenda de desenvolvimento nos anos 1970 e 1980 (Brun 2022). A definição do Sul apresentada no documento foi, por um lado, emprestada de organizações da sociedade civil, que o definiam como não pertencentes ao mundo ocidental e, por outro lado, baseada nas diferenças em termos de desenvolvimento ou de indicadores socioeconômicos entre os Estados nacionais, isso é, de performance socioeconômica. Por sua vez, seu argumento era de que o aprofundamento das desigualdades entre os Estados a partir do eixo Norte-Sul era o principal desafio social daquele período. Vale destacar, ainda, que com base na Linha Brandt apresentada nesse relatório para uma representação cartográfica do mundo a partir da divisão Norte-Sul, o Sul incluiria países que estão no hemisfério norte, inclusive países cuja localização geográfica ultrapassa o Trópico de Câncer, ao mesmo tempo em que excluiria a Austrália e a Nova Zelândia, que por sua vez estão geograficamente ao Sul do Equador.

Figura 1 - Linha de Brandt



Fonte: Banco Mundial 1980

A imprecisão geográfica do Sul apresentada na Linha de Brandt, no entanto, gerou importantes questionamentos e aprimoramentos da definição deste conceito pela literatura acadêmica. Em primeiro lugar, diversos autores passaram a debater quais indicadores seriam mais precisos para contemplar os critérios socioeconômicos que definiriam o Sul a partir de uma posição particular na questão do desenvolvimento econômico (Santander Campos 2016). O segundo tipo de questionamento e aprimoramento se deu a partir da inclusão de uma condição política compartilhada a nível internacional enquanto uma dimensão essencial para a definição do Sul (Dados e Connel 2012 ; Albaret e Devin 2016; Brun 2018). Por fim, alguns autores passaram a incluir elementos imateriais, como o caráter multiétnico das sociedades dos países Sul (Braveboy-Wagner 1986, 2016), os dilemas de construção nacional enfrentados por seus Estados (Alden, Morphet e VIEIRA 2010), e uma identificação positiva a partir do compartilhamento de desafios e soluções comuns (Santander Campos 2016). Na ausência de um acordo geral sobre os indicadores que seriam imprescindíveis para a inclusão de um Estado no conceito do Sul, esses autores compartilharam, no entanto, uma referência ao status "em desenvolvimento" em suas diferentes definições do Sul (Brun 2022).

Se o Sul, conforme visto, apresentou-se como uma reformulação dos conceitos de Terceiro Mundo e Países em desenvolvimento, o termo Sul Global, por sua vez, difundiu-se a partir do começo do novo milênio, como uma reformulação do conceito de Sul, embora traga poucas novidades em

seu conteúdo. Passamos agora a uma análise do debate ontológico acerca do Sul Global por parte da literatura, com o objetivo de apresentar uma sistematização das principais definições encontradas. Entretanto, conforme mencionado, é difícil precisar a sua origem, por não existir uma obra clássica que tenha inaugurado o termo ou então uma definição que tenha se tornado amplamente aceita. Pelo contrário, referências acadêmicas ou maior detalhamento conceitual raramente acompanham o uso da expressão Sul Global. Essa fragilidade também pode ser percebida em trabalhos acadêmicos, que tem aplicação mais recorrente em estudos de caso.

Por esse motivo, para fins deste artigo, entende-se que o melhor caminho para compreender o modo pelo qual a literatura concebe o conceito de Sul Global é a partir de questionamentos em relação aos motivos que levaram à reformulação do conceito de Sul, que a partir do início do século XXI ganhou para si o adjetivo Global, que deveria qualificar o substantivo já existente. Em outras palavras, buscaremos compreender as diferentes definições do Sul Global, por meio de uma análise dos motivos pelos quais as organizações internacionais, os governos nacionais, os acadêmicos e especialistas, os meios de comunicação e as organizações da sociedade civil passaram a preferir Sul Global ao Sul.

O conceito de Sul Global ganhou tração na literatura especializada, em detrimento do Sul, em primeiro lugar, em função da valorização de uma abordagem centrada na desterritorialização dos efeitos negativos da acumulação capitalista sobre espaços e povos em escala global no âmbito da teoria da globalização. Em outras palavras, foi difundido por autores que objetivavam demonstrar como o capitalismo global contemporâneo produziu novas configurações socioespaciais que não poderiam ser efetivamente descritas com base em modelos puramente territoriais da divisão entre os hemisférios Norte e Sul, mas que ainda seriam de natureza fundamentalmente socioespacial pois geravam uma divisões entre um Norte, desenvolvido, e um Sul, em desenvolvimento, dentro de um mesmo Estado, como no caso italiano, ou entre Estados de um mesma região, sem levar em consideração círculos de latitude, como a linha do Equador. (Brenner 2011).

Em segundo lugar, o adjetivo Global começou a ser afixado ao Sul em função da insatisfação com a preservação de um caráter terceiro-mundista e não-alinhado no conceito de Sul por uma parcela da literatura, para se pensar a dinâmica da cooperação internacional na era da globalização. Enquanto o Sul remetia necessariamente ao contrário do Norte, destacando assimetrias e hierarquias implícitas na ordem internacional, bem como uma interrelação entre o desenvolvimento do Norte e o subdesenvolvimento do Sul, o Sul Global não era empregado como um contrário ao Norte Global, este que,

por sua vez, era e continua sendo mencionado com baixa frequência. Essa parcela da literatura buscava valorizar no conceito de Sul Global a construção de redes fortes e interativas de cooperação como elemento fundamental da política e da prática governamental para contribuir na busca dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio estabelecidos pela ONU em 2000, para que as vulnerabilidades e os desafios comuns a esses países possam ser enfrentados conjuntamente pelos países do Sul, bem como para que o desequilíbrio bruto entre países desenvolvidos e em desenvolvimento possa ser remediado, por meio da absorção dos dividendos positivos da globalização econômica (Dirlik 2007). A principal expressão dessa abordagem foi como a publicação do relatório *Forging a Global South* do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento de 2003. Trata-se de uma perspectiva que encontra inspiração nos pensamentos liberais, que defende os impactos positivos da globalização na busca por esses países de superarem seus desafios sociais e econômicos. Portanto, o adjetivo "global" indica os Estados que abraçaram o projeto globalizador como meio apropriado para o desenvolvimento. A expressão, indiretamente, diminui a visibilidade das assimetrias causadas ou aprofundadas pela própria globalização.

Por fim, o Sul Global foi preferido pela literatura, pois não necessariamente reflete o caráter estadocêntrico que a noção de Sul carregava consigo. Com efeito, o Sul Global foi recorrentemente mobilizado em referência às organizações da sociedade civil que passaram a ganhar cada vez mais espaço nas organizações internacionais multilaterais (Devin 2011) e que constroem suas identidades e redes de ativismo político a partir do reconhecimento mútuo de suas condições às margens do mundo neoliberal da globalização e da experiência compartilhada dos efeitos negativos da globalização neoliberal (López 2007; Polet 2007; Prashad 2012). Com isso, Sul Global passaria a englobar, também, movimentos, redes e atores que não têm o território como um de seus elementos constitutivos - como é o caso do Estado na concepção Weberiana. Ainda que o território ainda seja um elemento fundamental para se compreender as dinâmicas das relações internacionais - afinal, atores não estatais têm sedes, atividades, fluxos e indivíduos que estão inevitavelmente situados em territórios -, o conceito de Sul Global passa, segundo essa perspectiva, a impressão de que mais tipos de atores estão contemplados pela definição.

Em síntese, podemos concluir que o conceito de Sul Global não tem uma definição objetiva e consensuada, tanto por parte da literatura científica, quanto por relatórios de Estados e outros atores internacionais. Seu surgimento é justificado com base na necessidade de um esforço por um novo olhar, mais desterritorializado, menos estadocêntrico e que não

dê tanta ênfase às contradições inerentes das relações internacionais, para as terminologias anteriormente mobilizadas pela literatura acadêmica e por documentos políticos dos Estados e de Organizações Internacionais: Sul, terceiro mundo, países subdesenvolvidos, países em vias de desenvolvimento, países em desenvolvimento, países emergentes, países atrasados, países não-industrializados, países pobres. Portanto, a origem e a trajetória, que foram exploradas nesta primeira seção, revelam uma história de busca de um conceito mais denso, mais preciso e menos etnocêntrico. Todavia, há outras versões dessa história, que serão exploradas na próxima seção.

A insuficiência do conceito de Sul Global

A seção anterior demonstrou a trajetória da expressão Sul Global e de outros conceitos correlatos desde praticamente o início do campo científico das Relações Internacionais. Apesar de muito utilizado, a definição de Sul Global tem falhas que resultam em insuficiências analíticas. Esta seção tem como objetivo analisar essas carências, como imprecisão semântica, vagueza conceitual, ausência de um contra conceito e etnocentrismo. A partir dessa crítica ao conceito de Sul Global, a terceira seção será dedicada à construção conceitual de uma alternativa.

Ao longo desta seção, à medida em que ficará evidente a fragilidade do poder explicativo do termo Sul Global, cabe a reflexão do motivo pelo qual ele se tornou tão popular, apesar das insuficiências. Conforme mencionado, não existe uma obra acadêmica que defenda a reforma desse conceito e que tenha se tornado clássica na literatura a ponto de ser um ponto de inflexão e explicar tal mudança. Todavia, não se deve cometer o erro de inferir que a ausência de "founding parents" de um conceito pode representar um processo natural ou desinteressado. A mudança nesse certame faz parte de movimentos de cunho político, econômico, social e cultural, que refletem relações hierárquicas de poder ao mesmo tempo que as alimentam. Ainda que muitos que usem o termo Sul Global não façam conscientemente, há mensagens inerentes a esse conceito que são difundidas e cristalizadas, o que não é um movimento desinteressado. E essas motivações raramente constam nas explicações que foram desenvolvidas na última seção deste artigo. Além do mais, não é possível argumentar que o adjetivo "global" somente tem como propósito indicar que os países que pertencem a esse grupo estão situados no globo terrestre, pois até o momento em que este artigo foi escrito não há nenhuma nação fora da Terra.

A imprecisão semântica da palavra "global" é uma das críticas possíveis

ao conceito. A função semântica de adjetivos é qualificar os substantivos, seja atribuindo características, restringindo ou esclarecendo sua natureza. Portanto, na expressão Sul Global, o adjetivo "global" tem como objetivo modificar o sentido do substantivo "sul". Todavia, cabe perguntar qual é o valor informativo que a palavra "global" adiciona. Como já argumentado, não diz respeito ao fato que todos desse grupo estão situados no globo terrestre, mesmo porque, uma vez que essa característica não diferencia o novo conceito de Sul Global dos seus predecessores: Terceiro Mundo, países em desenvolvimento, Sul etc. O caso em pauta difere, por exemplo, da composição de "segurança humana". O adjetivo "humana", ao qualificar o substantivo "segurança", tem como função fazer uma distinção da segurança que tradicionalmente é analisada nas Relações Internacionais: a relativa aos Estados. Portanto, além da função semântica, a palavra "humana" tem uma função explicativa relevante para o campo das Relações Internacionais, ressaltando uma diferença fundamental no tipo de segurança que é tratada, bem como as principais vítimas dessa insegurança: os indivíduos. Pode-se argumentar, que o adjetivo "global" busca indicar a inclusão no processo de globalização, que acelerou e se aprofundou ao longo do século XX. Por outro lado, todos atores das relações internacionais, ainda que de modo assimétrico e com resultados distintos, foram afetados pelo processo de globalização. Com isso, e escolha do adjetivo continua sendo, na melhor das hipóteses, questionável quanto a sua pertinência.

A imprecisão semântica pode ser considerada causa ou sintoma de outra crítica ao Sul Global: sua vagueza. Ao usar o conceito, não fica evidente qual a principal natureza do grupo que se busca definir. A origem pode ser política, econômica, social, cultural, comportamental, material, geográfica ou até mesmo uma mistura de todos os fatores mencionados anteriormente. Não há critérios claramente definidos quanto às principais características e o peso delas, para inclusão e para exclusão de membros que podem ser classificados nesse conceito. Ainda que nas Ciências Sociais não seja rara a existência de conceitos que tenham uma fronteira elástica em suas definições, no caso do Sul Global trata-se de limites praticamente desconhecidos. Enquanto alguns Estados frequentemente são classificados como parte do Sul Global (como, por exemplo, Brasil, México, Índia e Nigéria), outros países não são associados automaticamente à definição (como, por exemplo, Coreia do Norte, Irã, Sudão do Sul, China, Chipre, Panamá e Maldivas). Caso esses países não sejam considerados integrantes do Sul Global, também não é claro qual classificação caberia a eles, pois não há um entendimento sobre o que seria um Sul não Global.

Como a definição de Sul Global é vaga, bem como são seus critérios,

diversas hipóteses explicativas podem ser levantadas para entender o tratamento diferenciado: posicionamento na política internacional, relevância econômica, índice de desenvolvimento humano, regime político doméstico e até mesmo razões subjetivas advindas de visões de mundo. É possível que essa vagueza reflita o real objetivo do conceito de Sul Global que se mantém escondido nas entrelinhas de seu uso: denominar tudo que é considerado como "o resto", assim como o título da obra de Alice Amsden (2003) denuncia.

Essa percepção de que o Sul Global busca incluir dentro de um conceito único uma miríade de atores que fazem parte do "resto" gera duas principais dificuldades. Em primeiro lugar, todo conceito que busca colocar sob a mesma classe unidades muito heterogêneas acaba perdendo capacidade explicativa. A generalização excessiva cria platitudes, tornando o conceito pouco útil para analisar a complexidade dos integrantes do grupo, bem como as relações intra e intergrupos. O Sul Global propõe-se a abraçar: países de grande extensão territorial, como o Brasil, e outros que estão em risco de desaparecer com os efeitos nas mudanças climáticas, como Tuvalu; potências nucleares, como a Índia, a países como a Costa Rica, que decidiu não ter forças armadas; Estados economicamente robustos, como a China, a países fragilizados, como o Iêmen; democracias liberais, como Taiwan, a regimes autoritários como Arábia Saudita; bem como países alinhados na política internacional com as potências tradicionais do Norte, como o México, a revisionistas, como o Irã. Ao passo que os critérios de inclusão e exclusão são pouco claros, a tentativa de abranger tantas unidades sob o mesmo conceito dão a impressão de profundo desconhecimento sobre as características desse grupo. Além de evidenciar a fragilidade no poder explicativo do conceito, essa constatação reforça a hipótese de que o maior objetivo do Sul Global é dar um nome ao "resto". Ou seja, independentemente das características que os casos apresentarem, define-se como Sul Global tudo o que não é pertencente a uma ideia de Norte.

Curiosamente, apesar de o conceito de Sul Global ser cunhado a partir de uma ideia de oposição a um grupo estabelecido (ou seja, "o outro"), não há um contra conceito inerente na literatura científica. Em termos geográficos, o Sul é a oposição ao Norte, o que também inclui explicações na Física, dado o campo magnético do planeta. O mesmo não ocorre com o Sul Global, uma vez que o Sul é tratado como Global, mas o Norte nem sempre. Conceitos acadêmicos demandam critérios científicos claros e que sejam aplicados de modo imparcial a todos os casos (Goertz 2006). No caso em questão, pode-se questionar se as razões que levaram à necessidade de inserir o adjetivo "global", ainda que a escolha da palavra possa ser semanticamente criticada, para qualificar o Sul também foram observados para o Norte. Além disso,

ainda que a recorrência da expressão Norte Global fosse maior, esse conceito herdaria as mesmas dificuldades e imprecisões que fragilizam a definição de Sul Global.

O conceito de Sul Global nasceu no meio acadêmico, mas teve um grau de aceitação, ainda que tímido, nos discursos, relatórios e outros documentos de Estados e de organizações internacionais. Apesar disso, poucos atores, estatais ou não, preocupam-se em se definir como Sul Global em seus documentos, discursos e relatórios oficiais. O mesmo não ocorre com outros conceitos, como ocorreu, por exemplo, no Movimento dos Não Alinhados, em que os Estados buscavam marcar uma posição política, ressaltando a divisão Norte-Sul para além da Leste-Oeste da Guerra Fria (Milani 2014). Hodiernamente, pode-se citar os casos da China e do Brasil no campo político da Cooperação Internacional para o Desenvolvimento, que reforçam suas características de país em desenvolvimento, para legitimar suas ações internacionais diante de seus parceiros e em oposição à Ajuda Oficial ao Desenvolvimento de doadores tradicionais (Duarte 2019). Em função das regras acordadas na Organização Mundial do Comércio e em outras instituições internacionais, que preveem tratamento diferenciado para países em níveis de industrialização diferentes, diversos Estados preocupam-se em reforçar suas características de países de menor desenvolvimento relativo (Milani 2014). Todavia, Sul Global não reflete qualquer identidade que os atores se reconhecem, não causa impacto político, nem produz consequências jurídicas ou comerciais. Ser um conceito primordialmente acadêmico não é um problema em si, pois arcabouços analíticos são criados para facilitar o processo de análise e de interpretação de fenômenos estudados, ainda que tomadores de decisão raramente tomem decisões em função de conceitos científicos. Todavia, chama atenção a virtual inexistência de um Sul Global na empiria que, somada às fragilidades já exploradas, reforça a crítica de que Sul Global não tem poder explicativo pífio.

É possível inferir que o conceito de Sul Global tem como uma de suas principais motivações, ainda que esteja oculta, a visão das potências do Norte sobre tudo que consideram como exógeno. Trata-se, portanto, de um conceito baseado em uma leitura etnocêntrica, paternalista e, inevitavelmente, superficial do sistema internacional e dos atores nele. Nesse sentido, o Sul Global também carrega consigo uma necessidade de validação e de reconhecimento pelas potências, o que explicaria a necessidade do adjetivo "global" qualificando o Sul. Considera-se global os atores que não fazem parte do Norte (ou seja, pertencem "ao resto"), mas são considerados próximos pelas potências. Os países do Sul que são vistos como párias, geralmente não aparecem como parte do Sul Global (ou seja, a definição não dita do Sul não-Global). Como argumentam Milani e Kraychete (2022, 10), "(...) o termo 'Sul

Global' implicaria pelos analistas a aceitação de um conceito do social (do internacional) que retira ainda mais agência dos países do Sul geopolítico." Por sua vez, o Norte não precisa ser classificado como global, pois a análise dos aspectos necessários para ser considerado como tal toma como ponto de partida esse grupo, que, segundo essa perspectiva, naturalmente já são dignos de serem considerados globais. A assimetria de poder cristalizada na estrutura de poder de conhecimento (Duarte 2019) tornou possível que esse conceito frágil e etnocêntrico ganhasse espaço e consolidasse-se no âmbito acadêmico, inclusive dos países que são considerados o "resto". Por esses motivos, este artigo argumenta que a ideia de Sul Global, além de ser pouco útil analiticamente, não deveria servir a acadêmicos do Sul. Na próxima seção, será apresentada uma alternativa conceitual.

Sul geopolítico: uma contribuição para o debate

Conforme anunciado na introdução, esta seção apresenta o conceito de Sul Geopolítico como uma alternativa ao uso da expressão Sul Global. Não se argumenta, entretanto, que esse novo conceito encerra o debate na literatura sobre como classificar o Sul, dadas suas características plurais, ou que ele está isento de críticas. Pelo contrário, reconhece-se que, apesar das vantagens que serão desenvolvidas nos parágrafos a seguir, ainda há insuficiências e pontos que carecem de maior reflexão, que serão objeto de análise na próxima seção. Entende-se, entretanto, que o estabelecimento e o emprego do conceito de Sul Geopolítico incentivam e resgatam um importante debate no âmbito acadêmico, desnaturalizando e tensionando conceitos carregados de vieses vindos do Norte para se analisar outros atores no mundo. Portanto, apesar de passível de críticas, espera-se que a teorização sobre o Sul Geopolítico dê uma contribuição para a academia ao fomentar a reflexão e o debate.

Ao apontar as insuficiências do Sul Global, a seção anterior elencou algumas fragilidades, como imprecisão semântica, vagueza conceitual, ausência de um contra conceito e etnocentrismo. Esses pontos levantados também serão importantes para analisar o conceito que será apresentado nesta seção, mas antes se faz necessário defini-lo. O Sul Geopolítico tem sua definição baseada em atores que constroem suas posturas política e identitária no plano sistêmico, politizando suas posições (desfavoráveis) na hierarquia internacional, a partir de uma leitura histórica das assimetrias, que se perpetuam e se cristalizam em estruturas de poder. Não se trata, portanto, de um conceito criado a partir da visão das potências mundiais sobre demais atores. O conceito de Sul Geopolítico busca reforçar a agência dos atores do Sul, na medida em que traz uma imagem autoconstruída, a partir das leituras

que eles têm das relações internacionais e de suas inserções.

Em contraste com o conceito de Sul Global, a definição descrita acima já apresenta uma vantagem imediata quanto à substância e ao significado. O adjetivo "geopolítico" tem valor informativo, uma vez que traz sentido e qualifica o substantivo "sul". Enquanto o Sul Global, tanto pela escolha semântica quanto por ser um conceito vago, ofusca e suaviza a existência de relações de poder, o conceito apresentado busca colocar essas disputas e tensões no centro da análise, convidando a uma leitura histórica das assimetrias, das relações de dominação, da exploração e da humilhação como fatores constitutivos das relações internacionais (Badie 2014). O que mais caracteriza a dinâmica entre atores (estatais e não estatais) não é o fato de que elas ocorrem no globo terrestre (e, portanto, serem globais), mas sua dimensão fortemente hierárquica que molda o sistema anárquico.

O conceito de Sul Geopolítico busca reduzir o problema de imprecisão semântica, uma vez que sua construção deixa evidente qual é a principal natureza do grupo que se busca definir. Consequentemente, os critérios para inclusão e para exclusão dos Estados que fazem parte desse conceito tornam-se mais evidentes. Assim como outros conceitos das Ciências Sociais, esses critérios têm um teor subjetivo, o que requer um trabalho interpretativo ao aplicar sua definição em casos empíricos. Alguns elementos constitutivos do Sul Geopolítico (como questões identitárias, sociais, políticas e culturais) não podem ser precisamente determinados por meio de fórmulas matemáticas ou fatores puramente técnicos. Conforme argumentado na seção anterior, a elasticidade de conceitos nas Ciências Sociais, em decorrência de interpretações distintas do fenômeno analisado, representa uma fragilidade, mas não invalida seu poder explicativo. Nesse sentido, cabe ressaltar que as fronteiras traçadas pela definição do Sul Geopolítico são claras, apesar de ainda restar um grau de subjetividade.

A definição desses limites contribui, também, para reduzir (ainda que não elimine) um efeito negativo que é inerente a processos que estabelecem classes analíticas: a criação de platitudes dentro de uma classe, forjando uma falsa homogeneidade. Ainda é possível classificar sob a definição de Sul Geopolítico atores com características bastante diversas (por exemplo: capacidade militar, peso econômico, representatividade política, desafios sociais que enfrentam, posicionamento geográfico, regime político doméstico, cultura, etc.). O fator que une essa miríade de atores à luz do conceito de Sul Geopolítico são seus posicionamentos políticos frente ao jogo de poder internacional (Milani e Kraychete 2022). Sul Geopolítico não foi construído com base em uma visão estereotipada e superficial que atores têm sobre tudo que consideram exógeno. Pelo contrário, é um conceito feito por atores do

Sul, para evidenciar a leitura que têm sobre si, embora possam ter motivações diferentes para terem desenvolvido essa autopercepção. O Sul Geopolítico, portanto, é uma definição que abarca menos casos que o Sul Global, pois nem todos os atores do Sul serão parte dele. Ainda que o problema de criar generalizações indesejadas dentro da classe analítica, o conceito é pensado para evidenciar a identidade desses atores que é refletida em seus comportamentos, em suas visões de mundo, na construção de suas normas internacionais e de suas leituras de interesse nacional, apesar de serem heterogêneos em termos materiais e ideacionais.

Não há casos de atores que se declarem oficialmente como parte do Sul Geopolítico, diferentemente da expressão Sul Global. Esse é um conceito que nasce na academia e propõe-se a ter uma função analítica. A existência de grupos, redes e movimentos políticos evidenciam a comprovação empírica do Sul Geopolítico. É o caso, por exemplo, de grupos de geometria variável que visam a contestar a concentração do poder decisório mundial. Talvez o exemplo mais eloquente seja o BRICS (Vieira 2016), mas também pode-se citar o G-20 comercial no âmbito da Organização Mundial do Comércio, a Nova Ordem Econômica Internacional, a realização do Fórum Social Mundial, a Via Campesina, bem como as narrativas que acompanham as políticas de cooperação Sul-Sul (Braga e Duarte 2022).

Faz-se importante observar que o pertencimento ao Sul Geopolítico não é linear. Conforme mencionado, o conceito parte de peculiaridades históricas, identitárias, culturais e materiais, que são refletidas na leitura e no comportamento dos atores na política internacional. Uma vez que esses fatores podem variar ao longo do tempo, a pertinência de serem classificados como parte do Sul Geopolítico também flutua, ainda que os critérios materiais dos atores que os colocam em uma posição baixa ou intermediária na hierarquia de poder mundial continue estável. Em outras palavras, há atores que podem ser considerados como parte do Sul (em função de critérios econômicos, sociais e militares), mas decidem não ter comportamentos políticos que permitam sua classificação como Sul Geopolítico. É o caso, por exemplo, do México, principalmente após a assinatura do Tratado de Livre Comércio da América do Norte, ou do Brasil, que no governo de Jair Bolsonaro adotou uma postura de alinhamento automático ao governo de Donald Trump (Alves e Farias 2020). A insatisfação com o status quo, que é manifestada principalmente na defesa de uma maior participação nos mecanismos decisórios dos regimes internacionais, é um requisito do Sul Geopolítico (Braga e Duarte 2022).

Percebe-se, portanto, que o conceito de Sul Global e o de Sul Geopolítico não se anulam entre si, pois não têm exatamente o mesmo propósito. A alternativa apresentada nesta seção, entretanto, têm vantagens

comparativas claras, principalmente para pesquisas que tenham como objeto Estados e outros atores do Sul. A leitura com base na autopercepção expurga o etnocentrismo enraizado no conceito de Sul Global, interrompendo a difusão de leituras estereotipadas que relegam sociedades inteiras à definição de "resto". Há fragilidades, entretanto, que devem ser observadas, como será melhor explorado na próxima seção.

As insuficiências do Sul geopolítico

O conceito do Sul Geopolítico, que foi apresentado na última seção, representa uma contribuição relevante para superar algumas limitações que o uso da expressão Sul Global apresenta. Em especial, cria-se uma definição que leva mais em conta a agência dos países do Sul, assim como ressalta a existência de assimetrias e de desigualdades na clivagem Norte-Sul, ao invés de as ocultar. Para isso, o novo conceito rompe com o caráter exógeno que serve de base para a construção de seus critérios analíticos, ao mesmo tempo que busca aumentar a precisão e a transparência. Todavia, o conceito de Sul Geopolítico e sua aplicação empírica abrem novas possibilidades analíticas que ainda precisam ser trabalhadas. Como argumentado por Goertz (2006), a definição clara dos critérios de inclusão e de exclusão inerentes aos conceitos científicos também definem o universo de possibilidades que aquele conceito pode ser aplicado. O Sul Geopolítico traz consigo duas categorias básicas de análise.

A primeira é o "Sul", que diz respeito à dimensão material e o reflexo dessa assimetria na trajetória dos atores internacionais. A formação do Sul é, portanto, um processo histórico marcado por uma condição desfavorável comum na estratificação do sistema internacional. Em sua diversidade, os atores do Sul encontram seu fator unidade em seu histórico de dominação ou subjugação seja pelo sistema do colonialismo, do protetorado ou de tratados desiguais, em sua posição relativa na divisão internacional do trabalho, em suas condições socioeconômicas e em suas condições de países excluídos ou sub representados na capacidade de participação nos processos decisórios das organizações internacionais (Devin e Albaret 2016).

A segunda é o "Geopolítico", que como Milton Santos (2021) disciplina, trata das relações de poder e espaço que ocorrem simultaneamente em diversos tabuleiros globais, regionais e locais. A palavra "Geopolítico" deve ser vista como uma nova categoria analítica. Portanto, o conceito de Sul Geopolítico combina critérios de duas dimensões que, apesar de relacionadas, são distintas. Abre-se, desse modo, uma dificuldade de identificar com clareza

um único contraconceito para Sul Geopolítico. A definição apresentada abre espaço para, pelo menos, outras três categorias que derivam da combinação dos critérios que constituem o conceito. É um caso diferente, por exemplo, do que foi argumentado para o Sul Global, em que não haveria um contra conceito claro.

O Sul Geopolítico se contrapõe materialmente, historicamente e politicamente em oposição aos atores que vêm das tradicionais zonas de poder (os quais, com raras exceções, são os mesmos do colonialismo e do imperialismo) e que defendem o status quo por serem beneficiados diretamente por ele. Os discursos presentes na cooperação internacional para o desenvolvimento deixam esse contraponto ainda mais claro. Para legitimar e fortalecer suas políticas de cooperação internacional, países como a China, o Brasil, a Índia e a África do Sul esforçam-se para criar um regime simbólico em oposição à Ajuda Oficial ao Desenvolvimento, feita pelos tradicionais doadores do Norte (Milani 2018). Frequentemente, o discurso oficial desses países ressalta o passado comum de colonialismo e de exploração, a fim de se apresentarem como um parceiro mais preocupado com o outro (Duarte 2019b). Esses países usam seus passados de exploração, de dominação e de humilhação, bem como suas contradições socioeconômicas para reafirmarem suas identidades e para legitimarem sua inserção internacional (Conde 2022). Esse exemplo ilustra com riqueza um instrumento político que é usado pelos países do Sul Geopolítico para sua inserção internacional, ao passo que denunciam a perversidade das históricas relações de poder no mundo.

Todavia, existem outras possibilidades além desses polos opostos. O primeiro ponto a ser observado é a existência de agentes que estão no Sul pelos critérios histórico e material, mas decidem não usar esses fatores para denunciar os impactos negativos das assimetrias internacionais. É o caso de atores que acreditam que podem ser recompensados por outros mais poderosos ao não denunciar o status quo (e, portanto, se distanciam da leitura de mundo e do comportamento político que caracterizam o pertencimento ao Sul Geopolítico). Esse comportamento por parte de Estados no sistema internacional recebe diversas classificações, como "alinhamento" ou "*bandwagon*", de acordo com a lente teórica utilizada. Apesar de consideravelmente conhecido empiricamente e teoricamente, a literatura que criou ou adotou o conceito de Sul Geopolítico (este artigo inclusive), não se debruçou sobre como classificar esse grupo diante dos critérios analíticos sugeridos.

Do mesmo modo que há atores do Sul que não fazem parte do Sul Geopolítico, também existe a possibilidade analítica de países do Norte que não sejam do Norte Geopolítico. A existência teórica desse grupo de atores enquanto

tipos ideais, todavia, não implica a sua existência empírica. São raros os atores que estão em situação privilegiada na hierarquia de poder mundial e que, de modo altruístico, renunciem a parte de seus privilégios em solidariedade com atores do Sul. Deve-se reconhecer que uma categoria analítica que seja vazia indica uma fragilidade clara no potencial explicativo desse conceito por não ser capaz de produzir uma distinção dos casos empíricos, ensejando sua revisão. Por outro lado, seria um exercício intelectual interessante discutir a inserção internacional da Rússia à luz desse debate conceitual. A classificação desse país como Sul Global encontraria dificuldades, embora sua postura contestadora do status quo a credencie para o Sul Geopolítico, critérios históricos e materiais levam a crer que seria um ator do Norte.

Figura 2 - Tipos ideais dos Estados: uma proposta de aprofundamento do conceito de Sul Geopolítico

Fonte: Elaborado pelos autores.

A divisão no eixo histórico-material e geopolítico, que gera a classificação analítica dos casos, conforme indicado na figura 2, reflete o momento da análise. Todavia, o mundo está em constante modificação, bem como o comportamento e as características dos agentes analisados. O conceito de Sul Geopolítico ainda carece de trabalhos que incorporem meios de contemplar a transição de casos entre as categorias. Conforme mencionado

anteriormente, este artigo pressupõe que a inserção internacional é fruto de um jogo de poder doméstico, que leva em consideração fatores sistêmicos, mas não é determinada por estes. Portanto, mudanças no eixo da agência são facilmente explicadas por alterações no comportamento e visões de mundo dos agentes.

A partir desta tipologia, seria possível compreender diferentes graus de (geo)politização da condição de Sul ou de Norte de um Estado no plano sistêmico ao longo do tempo, em função de mudanças governamentais no nível de sua política doméstica, assim como casos de politizações pontuais por conveniência e pragmatismo de um mesmo governo para garantir maior eficiência, legitimidade e representatividade às suas ações internacionais em diferentes agendas temáticas e arenas políticas das relações internacionais. De igual modo, ela nos ajudaria a compreender, os processos de mobilidade ascendente, e até mesmo descendente, de Estados na hierarquia do sistema internacional ao longo do tempo, em função de transformações estruturais de suas capacidades materiais e da conquista de uma maior representatividade nas estruturas de poder.

Todavia, mudanças no eixo vertical, que dizem respeito a fatores histórico-materiais, carecem de maior cuidado, pois refletem limitações inerentes à classificação de Sul e de Norte. Ainda que um ator ganhe poder e suba no ranking da hierarquia global, a trajetória histórica de opressão, humilhação e dominação permanece. Seria o caso, por exemplo, da China. Do mesmo modo, uma potência imperialista decadente pode vir a experimentar uma nova situação de marginalização da política mundial, mas sua posição histórica é a inversa.

Outro fator que limita o conceito do Sul Geopolítico frente a outros conceitos como Terceiro Mundo, Países em Desenvolvimento, Sul e Sul Global, é o seu caráter exclusivamente acadêmico até o momento. Conforme demonstrado, é um conceito que nasce na academia e propõe-se a ter uma função exclusivamente analítica, como diversas outras com a qual dialoga, mas que, diferentemente destas, ainda não ganhou tração junto aos atores estatais do Sul e do Norte, às organizações internacionais e às organizações da sociedade civil, para se tornar um conceito nativa das relações internacionais.

Considerações finais

Ao investigarmos a origem do conceito de Sul Global e as suas principais definições, concluímos que ele ganhou tração a partir dos anos 2000 enquanto uma reformulação do conceito de Sul, em função da valorização, por

parte dos analistas e de tomadores de decisão, de uma abordagem centrada na desterritorialização dos efeitos negativos da acumulação capitalista sobre espaços e povos em escala global no âmbito da teoria da globalização, da insatisfação com a preservação de um caráter terceiro-mundista e não alinhado no conceito de Sul e de não ter um caráter estadocêntrico que a noção de Sul carregava consigo. Entretanto, também chegamos à conclusão de que esse conceito não encontra uma definição objetiva e consensuada na literatura acadêmica ou em documentos políticos.

Já a análise do conceito de Sul Geopolítico, desenvolvido por pesquisadores e pesquisadoras do Laboratório de Análise Política Mundial, vinculado ao IESP-UERJ, nos permitiu concluir que ele reforça a agência dos atores do Sul. Igualmente, o conceito coloca essas disputas e tensões no centro da análise, convidando a uma leitura histórica das assimetrias, das relações de dominação, da exploração e da humilhação como fatores constitutivos das relações internacionais. Entretanto, verificamos que esse conceito ainda se mostra limitado para enfrentar outras limitações presentes no conceito de Sul Global, em especial, sua incapacidade de dar conta, simultaneamente, da unidade do Sul, como um contraponto ao Norte, e da sua diversidade, enquanto fenômeno ontológico, e de contemplar as possibilidades de mudanças em termos de filiação de um Estado ao Sul Geopolítico ao longo do tempo.

Portanto, ao analisarmos comparativamente o rendimento analítico dos conceitos de Sul Global e de Sul Geopolítico para uma compreensão mais apurada das dinâmicas geopolíticas das relações internacionais nas primeiras décadas do século XXI, concluímos que o conceito de Sul Geopolítico apresenta vantagens em relação ao de Sul Global. Entretanto, também concluímos que o Sul Geopolítico precisa de aprimoramentos e, por isso, não deve ser usado de forma acrítica por estudiosos de Estados do Sul. Como possibilidades para futuras pesquisas, a quarta seção deste artigo aponta fragilidades e oportunidades de aprofundamento do conceito. A proposta conceitual do Sul Geopolítico visa a contribuir para a discussão teórica que supere conceitos que parecem pouco úteis analiticamente, como é o caso do Sul Global. Reconhece-se, entretanto, que a proposta ora apresentada carece de maior reflexão.

Referências

Albaret, Mélanie & Devin, Guillaume. 2016. Los países del sur en Naciones Unidas. Foro Internacional. México (DF), n.223, p. 13-39, 2016.

Alden, C., Morphet, S. & Vieira, M. 2010. The South in World Politics. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Alves, Leonardo & Farias, Hélio. 2020. The decline in Brazil's international influence: from an emerging country to an inward-looking state. Austral Brazilian Journal of Strategy & International Relations, v. 9, p. 14-37, 2020.

Amsden, Alice H. 2003. The Rise of "The Rest": Challenges to the West from Late-Industrializing Economies. Oxford: Oxford University Press.

Badie, Bertrand. 2014. Le temps des humiliés: pathologie des relations internationales. Paris: Odile Jacob.

Banco Mundial. 1980. Independent Commission on International Development Issues [ICIDI] Report. Janeiro de 1980.

Braga, Pablo S. & Duarte, Rubens. 2022. Os desafios de caracterizar e de formular a grande estratégia em países do Sul geopolítico: uma análise do caso brasileiro. In: MILANI, C. & KRAYCHETE, E. (Org.) Política Externa e Desenvolvimento no Sul Geopolítico. Salvador: EDUFBA.

Braveboy-wagner, J.A. 2016. Diplomatic strategies of Nations in the Global South. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Braveboy-wagner, J.A. 1986. Interpreting the third World: politics, economics and social issues. Westport: Praerger.

Brenner, Neil. 2011. The Space of the World: Beyond State-Centrism? In: DAVID, Palumbo-Liu; TANOUKHI, Nirvana & ROBBINS, Bruce. Immanuel Wallerstein and the Problem of the World: System, Scale, Culture. Durham, NC: Duke University Press, p. 101–137.

Brun, Élodie. 2022. Atores estatais e a etiqueta "Sul": um estigma estrategicamente invertido. In: MILANI, C. & KRAYCHETE, E. (Org.) Política Externa e Desenvolvimento no Sul Geopolítico. Salvador: EDUFBA.

Brun, Élodie. 2018. El cambio internacional mediante las relaciones Sur-Sur. México, DF: El Colegio de México.

Conde, Leandro. 2022. Humilhação e Reconhecimento: Brasil e China em Busca de Status Internacional. Curitiba: Appris editora.

Dados, N. & Connel, R. 2012. The Global South. Contexts, [s.l], v.11, n.1, p.12-13, 2012.

Devin, Guillaume. 2011. Les Organizations Internationales. Paris: Armand Colin.

Dirlik, A. 2007. A global South: Predicaments and Promise. The Global South. New York, v.1, n.1m 0,12-23, 2007.

Duarte, Rubens de S. 2019a. Has research gone South? Perspectives of a Brazilian researcher in Britain. In: Emma Mawdsley, Elsje Fourie,

Wiebe Nauta. (Org.). Researching South-South Development Cooperation: The Politics of Knowledge Production. 1ed.Abingdon: Routledge, v. 1, p. 49-55.

Duarte, Rubens de S. 2019b. The Politics Behind Aid and Cooperation Norms: Critical Reflections on the Normative Role of Brazil and the United Kingdom. Lanham: Lexington Books.

Dufour, Françoise. 2007. Dire 'le Sud' : quand l'autre catégorise le monde. Autrepart. n. 41, 2007/1, pp. 27-39.

"Ela voltou": internautas ironizam Dilma por confusão em discurso. PODER 360. Brasília, 13 de abril de 2023. Disponível em: https://www.poder360.com.br/economia/ela-voltou-internautas-ironizam-dilma-por-confusao-em-discurso/. Acesso em: 23/04/2023.

Goertz, Gary. 2006. Social Science Concepts: A User's Guide. Princeton: Princeton University Press.

Green, Rosario & Heller, Claude. 1980. Surgimiento y proyección del Tercer mundo. De Bandung a los ochenta". Foro Internacional. vol. 21, núm. 2, 1980, pp. 161-193

López, Alfred. 2007. Introduction: The (Post) Global South. The Global South 1.1–2 (2007): 1–11, 2007.

Milani, Carlos R, S. & Kraychete, Elsa S. 2022. Apresentação. In: MILANI, C. & KRAYCHETE, E. (Org.) Política Externa e Desenvolvimento no Sul Geopolítico. Salvador: EDUFBA.

Milani, Carlos R. S. 2018. Solidariedade e Interesse: Motivações e Estratégias na Cooperação Internacional para o Desenvolvimento. Curitiba: Appris editora.

Milani, Carlos R. S.; Echart, E.; Duarte, Rubens de S. & Klein, Magno. 2014. Atlas da Política Externa Brasileira. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Oglesby, Carl. 1969. Vietnamism has failed ... The revolution can only be mauled, not defeated. Commonweal 90, 1969.

Pagel, H., Ranke, K. & Hempel, J. 2014. The Use of the Concept Global South in Social Science & Humanities. Globaler Süden / Global South: Kritische Perspektiven. Institut fürAsien- & Afrikawissenschaften, Humboldt-Universität zu Berlin, July 11, 2014.

Polet, François. 2007. The State of Resistance: Popular Struggles in the Global South. Translated by Victoria Bawtree. New York and London: Zed.

Prashad, Vijay. 2012. The Poorer Nations: A Possible History of the Global South. London: Verso.

Santander Campos, G. 2016. Identidades e interesses em la cooperación Sur-

Sur: los casos de Chile, Venezuela y Brasil. Madrid: Catarata.

Santos, Milton. 2000. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record. 34ffi edição (2021).

Sauvy, Alfred. 1952. Trois Monde, une planète. Vingtième Siècle, revue d'histoire. n°12, octobre-décembre 1986. Dossier : Retour au tiers monde. pp. 81-83.

Vieira, Victor C. B. 2016. Construindo a escada para o tabuleiro superior: os BRICS como estratégia de inserção internacional brasileira. In Coleção Meira Mattos: revista das ciências militares. v. 10 n. 37, 2016.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar as limitações e possibilidades analíticas ofertadas pelos conceitos de Sul Global e de Sul Geopolítico, para uma compreensão mais apurada das dinâmicas geopolíticas das relações internacionais nas primeiras décadas do século XXI. Em termos metodológicos, o artigo é baseado em uma análise da história do conceito de Sul Global, na reflexão crítica sobre as principais lacunas de sua definição, na apresentação do conceito de Sul Geopolítico e, por fim, no reconhecimento de suas principais limitações, para indicar sugestões de aprimoramento. Em sua conclusão, o artigo argumenta que o conceito de Sul Geopolítico gera maior rendimento analítico em comparação ao de Sul Global devido à sua valorização da agência dos países do Sul, à maior precisão dos seus critérios de inclusão e exclusão e à sua denúncia das assimetrias e desigualdades presentes na clivagem Norte-Sul das relações internacionais. Entretanto, também argumentamos que o Sul Geopolítico precisa de aprimoramentos para que seja capaz de contemplar, simultaneamente, a dimensão da unidade do Sul, enquanto um contraponto ao Norte, a dimensão da diversidade do Sul, enquanto fenômeno ontológico, e a dimensão da mudança em termos de filiação de um Estado ao Sul Geopolítico ao longo do tempo.

PALAVRAS-CHAVE

Sul Global; Sul Geopolítico; Sul; Divisão Norte-Sul.

Recebido em 29 de maio de 2023
Aprovado em 31 de agosto de 2023